

S B A

REVISTA DE CULTURA

SÃO BRÁS DE ALPORTEL

EDIÇÃO Nº10 • 1º SEMESTRE • 2025 • PVP 13,80€

07

**A IMPORTÂNCIA DOS ANTIGOS EIXOS
VIÁRIOS DO BARROCAL NA AFIRMAÇÃO
DE S. BRÁS**

João Pedro Bernardes

13

E, JÁ AGORA... SOBRE OS VALADOS...

Marta Marçal Gonçalves

17

MIGUEL DIAS DE ANDRADE

Rui Jerónimo

26

A CASA DE MIGUEL DIAS DE ANDRADE

Francisco Lameira

33

OS CORREIOS EM SÃO BRÁS DE ALPORTEL

José Manuel Antonino Belchior

42

**UM CARTEIRO MUITO ESPECIAL MANUEL
PONTES VIEGAS VALAGÃO (1909-1970)**

Maria Manuel Valagão

45

A AZEITONA

Júlia Neves

52

**DA PALMA À EMPREITA PATRIMÓNIO
CULTURAL IMATERIAL
DE SÃO BRÁS DE ALPORTEL**

Angelina Pereira

61

**CONTRIBUIÇÃO PARA O ESTUDO DO
VOCABULÁRIO DE JOSÉ DIAS SANCHO**

António Costa Cabral

67

ESCOLA ANTES DE ABRIL

Maria João Carvalho

70

NUNCA FUI DE BRUXAS

Cristina Mendonça Neves

72

**POR MONTES E VALES ATÉ PAÍSES
(PARTE II)**

Noémia Pires

78

**SÃO BRÁS DE ALPORTEL O CONCELHO
DA SAÚDE (E DOS BONS ARES)
PATRIMÓNIO DA SAÚDE**

Cristina Fé Santos e Maria Fé Santos

84

NATURALIDADE

Dora Gago

85

NOVOS AUTORES DESTA EDIÇÃO

SÃO BRÁS DE ALPORTEL, O CONCELHO DA SAÚDE [E DOS BONS ARES] PATRIMÓNIO DA SAÚDE



Figura 1 - Sanatório Carlos Vasconcelos Porto, 1918.

São Brás de Alportel tem dois sanatórios e dois hospitais. É uma situação atípica para o Algarve.

Sabe-se, de antemão, que não existia qualquer equipamento de saúde anterior ao século XX em São Brás de Alportel, inclusivamente de índole assistencial, ao contrário de outras regiões do Algarve. O século XX foi o berço para sistemas hospitalares ou sanatoriais, e a região foi um importante suporte no sistema de saúde local, nomeadamente no combate à tuberculose ou na saúde hospitalar multivalente.

A segunda década deste século viu aqui nascer dois sanatórios, quando a tuberculose era um dos maiores problemas de saúde, à escala mundial. A região do Algarve era particularmente fértil para o contágio desta doença. Mesmo com tratamento efetivo para a tuberculose, em termos gerais, estes sanatórios são marcos patrimoniais de São Brás de Alportel,

ricos em documentos, em objetos, em imagens e em construções.

O Sanatório Carlos Vasconcelos Porto é, sem dúvida, o sanatório mais conhecido do Algarve. Localizado no sítio das Almargens, foi inaugurado a 8 de setembro de 1918, e destinava-se unicamente a cuidar dos funcionários dos Caminhos-de-Ferro do Estado que padecessem de tuberculose. Estes trabalhadores eram particularmente afetados pela doença pelo que, também, a instituição fez da tuberculose um alvo a abater. Neste sanatório, eram internados quaisquer outros doentes da região, ou do país, funcionando em rede com outros sanatórios dos Caminhos-de-Ferro do Estado a construir, posteriormente a este, no Centro e no Norte de Portugal. Este Sanatório não veio, no entanto, responder aos problemas de saúde dos sambrasenses, não só porque tinha como fim cuidar de doentes com uma patologia específica – a tuberculose – mas, também, porque os que ali eram tratados eram exclusivamente funcionários da empresa.

Construído numa quinta, cuja casa rural foi adaptada a sanatório, com projeto do Eng. José Abecassis Júnior (1863-1932)¹ – à data, diretor dos Caminhos de Ferro do Sul e Sueste – teve como referência, do ponto de vista arquitetónico e funcional, o Sanatório Buenas Vistas (Boas Vistas), localizado perto de Madrid. Fun-

¹ Podemos encontrar o nome com a grafia de José Abecassis Júnior.

cionários especializados dos Caminhos de Ferro visitaram este sanatório, em 1916, para tomar conhecimento das melhores práticas técnicas, quer clínicas, quer construtivas, realizadas nessa época. O seu autor, de origem algarvia (Vila Real de Santo António), é também o responsável pelo projeto, realizado por volta de 1900, de adaptação do Forte do Outão a Sanatório (classificado como Imóvel de Interesse Público), assim como é da sua autoria o projeto definitivo da filial, do Porto, do Banco de Portugal, cuja participação surge após a morte dos arquitetos José Teixeira Lopes (fevereiro de 1919) e Ventura Terra (abril de 1919).

Rapidamente, há pressões nacionais e regionais para que a tuberculose seja controlada, no seu contágio, como também se fazem tentativas do seu tratamento.

Nos jornais regionais da época, é possível ler notícias de várias iniciativas que têm como objetivo obter financiamento para a construção de um “Sanatório-Hospital” que desse resposta à população local, surgindo, em 1929, a referência de que a ideia para o estabelecimento de um Sanatório para “os tuberculosos da província” estava em marcha. É referido que Caetano de Sousa, que desde cedo exerceu cargos públicos no Algarve, é o autor da ideia. O financiamento é tentado através de circulares enviadas às Juntas Gerais e às Câmaras Municipais da região. Relata-se que o apoio nomeadamente destas últimas, “não podia ser mais animador”. Mas não é suficiente, conforme descrito na notícia que se transcreve:

“As Câmaras municipais do distrito, reconhecendo, como não podia deixar de ser, a sua necessidade, vão, segundo nos consta, acudir à sua chamada... As câmaras e os particulares. Só há um pequenino mas... É as Câmaras terem pouco dinheiro e o espírito filantrópico dos particulares não ser diretamente proporcional às respectivas bolsas.”

No início da década de 30, os registos indi-

cam que “a Comissão Administrativa da Junta Geral do Distrito acaba de adquirir um magnífico edifício situado no sitio da Campina, da freguesia e concelho de S. Brás d’Alportel, para nela ser instalado o primeiro pavilhão do Sanatório Distrital para Tuberculosos”. O edifício existiu, mas como “pavilhão” para o primeiro sanatório da região, na sequência de reformas que estariam a acontecer na Assistência Nacional aos Tuberculosos.

No final do ano de 1933, este pavilhão-sanatório já se encontra encerrado, por razões económicas, procedendo a Junta do Distrito de Faro à sua venda. Informação que é possível ler num edital, publicado em diversos jornais, que refere que a Junta do Distrito de Faro procede à “venda de edifício onde esteve instalado o Sanatório Districtal para Tuberculosos, no Algarve, e terrenos anexos, no sitio da Campina, Freguesia e Concelho de S. Braz d’Alportel”.

Na década de 40, encontram-se referências para nova tentativa de construção de um Sanatório Distrital. Diversas são as iniciativas divulgadas na procura de se conseguir obter verba para a sua construção, mais uma vez, mais um esforço coletivo regional na tentativa de arranjar alguma solução para o tratamento dos algarvios portadores de uma doença ainda sem resposta terapêutica eficaz. Estas tentativas foram falhadas, o que também justifica que, na década seguinte, a construção deste tipo de edifícios, e em particular em zonas marítimas, seja pouco recorrente.

Ao mesmo tempo, as políticas de saúde específicas para a tuberculose são alvo de reformulações. Também outras instituições apostam no tratamento da doença, na sequência de transformação de equipamentos existentes. A doença continua a matar, reduzindo a mão de obra, nomeadamente em sectores como a produção.

Neste sentido, retome-se o caso do Sanatório Vasconcelos Porto que, três décadas depois



Figura 2: Proposta do Arquiteto Jorge Oliveira

da inauguração, “vê” surgir num terreno contíguo a proposta para edificar um outro sanatório.

Este novo projeto é promovido pela Junta Central das Casas dos Pescadores, destinando-se a servir, também em regime de exclusividade, os respetivos filiados. Para o efeito, esta entidade adquire um terreno a nascente do Sanatório Carlos Vasconcelos Porto e encomenda ao Arquiteto Jorge Oliveira² um primeiro estudo; apresentado em 1947, não foi aprovado, tendo sido sugeridas diversas alterações. No entanto, a notícia de uma cerimónia solene para o lançamento da 1ª pedra surge nos jornais em 1949. Sabe-se que este mesmo arquiteto apresentou diversas outras propostas, mas nenhuma avançou.

Surge, assim, a proposta de se avançar não com um novo edifício, mas com a ampliação do existente, para o qual, mais uma vez, o Arquiteto Jorge Oliveira apresenta uma proposta (Fig. 1), que também não avança, sendo preterido pela solução apresentada na proposta de Augusto Manuel Lopes Galvão. De referir que este projeto é construído pela Comissão de Construções Hospitalares, e inicia o seu funcionamento

em finais da década de 1960. É, precisamente nesta época, que os sanatórios, como sistemas, começaram a ser desconsiderados, pelo surgimento de drogas relativamente eficazes para o tratamento da tuberculose.

Existe um paralelismo entre a construção ou a programação de edifícios especializados, como é o caso dos sanatórios, e a construção de hospitais multivalentes, para a população de São Brás de Alportel. Os sanatórios não tratavam doentes de outras patologias, mas a ciência, a tecnologia e a sociedade da época impunham a construção de um edifício com diversas valências, e com alguma proximidade.

Volta-se à famigerada década de 1920. Em 1927, a direção do jornal *Ecos do Sul* organiza uma campanha a favor da criação de um hospital em São Brás de Alportel. Nesta sequência, foi criada uma “Comissão de Criação do Hospital”, presidida por José Pereira da Machada Júnior, que promoveu diversas iniciativas na tentativa de obter o financiamento necessário para a sua construção. No ano seguinte, noticiou-se que o início da sua construção seria em breve, e estavam a ser ultimadas as negociações para a contratação de “um novo arquitecto de Lisboa”.

² O Arquiteto Jorge Oliveira, recentemente instalado no Algarve, foi o primeiro arquiteto residente nesta região.

Carlos Ramos³ foi o arquiteto contratado. Controverso na(s) sua(s) modernidade(s), foi um dos arquitetos mais relevantes da história da arquitetura portuguesa, tais como Cottinelli Telmo e Jorge Segurado, entre outros⁴. Em junho de 1931, é publicada a notícia sobre o lançamento da 1ª pedra para a construção deste Hospital.

Passam-se mais de 20 anos sem que o projeto se finalize e, em 1945, encontram-se as notícias publicadas no *Almanaque do Algarve*, que nos informam que a verba esgotou, ou seja, a subscrição pública aberta nas colunas do jornal *Ecos do Sul* e a Comissão constituída não foram suficientes para angariar os fundos de uma obra, na época, considerada como humanitária. Nesse mesmo texto lê-se que São Brás de Alportel pede a intervenção do Governador Civil do Algarve, Antero Cabral, para que, “interpretando o desejo do Sr. Ministro do Interior de desenvolver a assistência em todo o País, satisfaça esta justa ambição do Povo de S. Braz de Alportel inaugurando o Hospital nesta vila”. O autor desta notícia diz-nos, ainda, que “em Portugal, poucas são as vilas que não têm o seu hospital. S. Braz de Alportel, sendo uma das regiões turísticas mais interessantes do País e tendo agora o privilégio [sic] da Pousada, deseja ver realizado o sonho de ter o Hospital a funcionar para socorro imediato dos seus doentes e assistência clínica às classes mais pobres.”

A sua estrutura inacabada apenas viu a materialidade na década de 1970, com a instalação do Centro Psiquiátrico Fernando Ilharco, tendo sido ampliada na década de 1980. Atualmente, é o Lar de 3ª Idade da Santa Casa da Misericór-

dia. Do traço do Arquiteto Carlos Ramos restam no edifício poucas evidências, resultado de inúmeras intervenções, ao longo de várias décadas, com descuido sobre o projeto do seu autor original.

A relação público-privado é constante, através do tempo, e é, também, um elo em comum com todos estes edifícios.

Depois da primeira tentativa – falhada – da construção de um hospital, a segunda encontra bom porto. Em 1966, é construído, em São Brás de Alportel, o primeiro hospital, graças à ação de um casal benemérito – José Lourenço Viegas e Leonor Paler Carreras Viegas – que financiaram a obra. Edifício que, mais tarde, foi entregue à Santa Casa da Misericórdia de São Brás de Alportel, que é ainda hoje o seu proprietário. Atualmente, é o Centro de Saúde de São Brás de Alportel, ou seja, é o único, de todos os edifícios, que mantém uma relação de multivalência, ou melhor, de atendimento não especializado. Utiliza-se este caso, pois, ainda que com uma expressão arquitetónica mais comum a edifícios congéneres, permite destacar uma outra visão sobre o mesmo edifício.

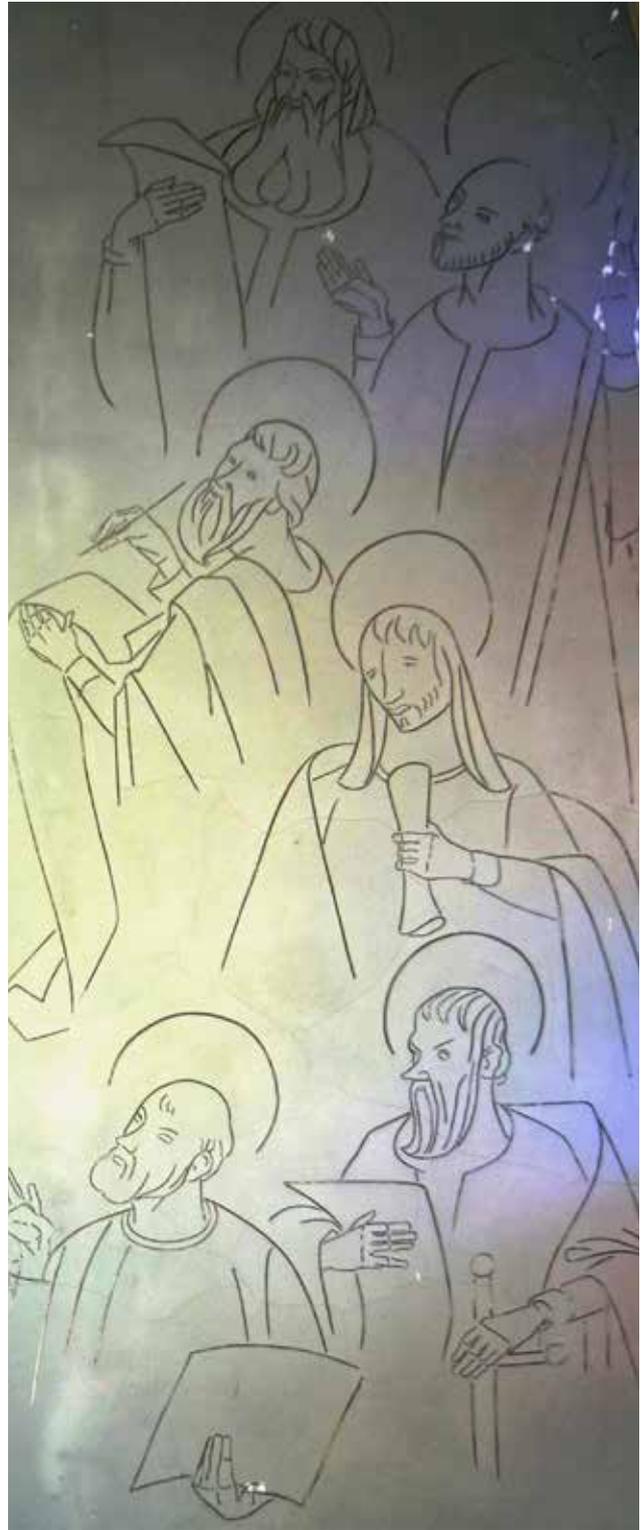
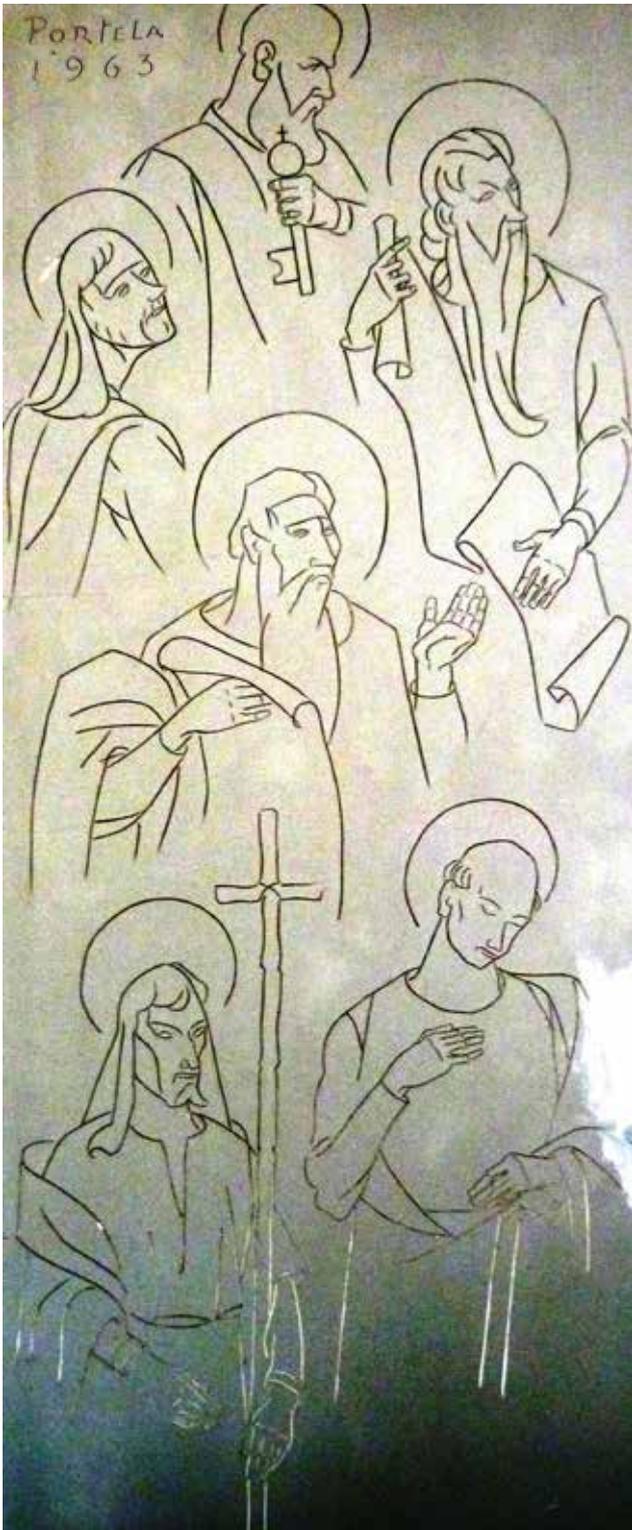
Neste Hospital, será de dar destaque a duas peças artísticas de dois artistas portugueses conceituados, são eles: Severo Portela (Figs. 4 e 5) e Lagoa Henriques (Fig. 3).

Severo Portela é o autor de dois painéis grafitados existentes no espaço da antiga capela deste hospital, provavelmente a única obra que poderemos encontrar deste artista no Algarve.

Sobre este artista, que se destacou enquanto escultor e pintor, será de referir que nasceu a

³ Sobre o Arq. Carlos João Chambers de Oliveira Ramos será de referir que nasceu a 15 de janeiro de 1897, no Porto, onde veio a falecer a 1 de julho de 1969; a sua ligação ao Algarve surge pelo casamento com Clarisse Ventura, natural de Olhão, que era filha do industrial conserveiro Cândido do Ó Ventura, para quem projetou, em 1925, o Bairro Económico de Olhão, entretanto já demolido. Sobre a sua obra a nível nacional, no que diz respeito à arquitetura assistencial, será de destacar o Pavilhão do Rádio do Instituto Português de Oncologia, em Lisboa (1927-1933) e a Leprosaria Nacional Rovisco Pais, na Tocha/Cantanhede (1947).

⁴ No Algarve, da autoria do Arq. Cottinelli Telmo, existe o projeto da Estação Ferroviária em Vila Real de Santo António, inaugurada em 1945. Foi igualmente o responsável pelo projeto do Sanatório das Penhas da Saúde, na Covilhã, também pertença dos Caminhos de Ferro. No Algarve, da autoria do Arq. Jorge Segurado será de destacar, em Tavira, o Centro de Experimentação Agrária de Tavira (CEAT).



Figuras 4 e 5: Grafitado da autoria de Severo Portela. Fonte: coleção particular do Padre José Cunha Duarte.



Figura 3: Placa em homenagem aos beneméritos José Lourenço Viegas e Leonor Paler Carreras Viegas. Baixo-relevo de Lagoa Henriques.

10 de setembro de 1898, em Coimbra, e veio a falecer em Lisboa, a 8 de julho de 1985. Foi casado com Maria José Carrilho Marreiros, natural de Almodôvar, razão pela qual, em 1920, foi viver para essa vila alentejana, onde hoje existe um Museu com o seu nome. São da sua autoria o enorme painel da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra e um fresco, também de grandes dimensões, que se encontra no átrio da Faculdade de Medicina de Coimbra. Tem, ainda, muitas outras obras espalhadas por diversos museus e, também, em vários Palácios da Justiça é possível encontrar painéis da sua autoria.

O outro artista, que tem obra neste mesmo espaço, é Lagoa Henriques, que é o autor da placa com a efigie dos beneméritos, que se encontra no átrio deste edifício.

Sobre este artista, que se destacou como escultor, será de referir que nasceu a 27 de dezembro de 1923, em Lisboa onde veio a falecer a 21 de fevereiro de 2009. Uma das suas obras mais conhecidas é a estátua de Fernando Pessoa, no Chiado, em Lisboa, que se encontra na esplanada do Café A Brasileira. No Algarve, a estátua de António Aleixo, que se encontra em frente ao Café Calcinha, em Loulé, é também da autoria deste artista.

Duas peças artísticas, de autores prestigiados, que parecem ter passado um pouco despercebidas aos olhos de quem frequenta aquele espaço assistencial, pelo que merecem ser aqui destacadas, para que se tome consciência da importância dos seus autores e do seu valor artístico.

Vale a pena pensar a importância de São Brás de Alportel, enquanto concelho de bons ares e de resposta assistencial edificada, no século XX, que a distingue de todos os restantes concelhos da região.

A região merece um estudo aprofundado sobre os restantes hospitais construídos no século XX, com uma visão interdisciplinar, com um olhar atento aos equipamentos, aos documentos, aos registos fotográficos, à arquitetura, às materialidades e, também, às vozes de quem os experimentou.

São Brás de Alportel não é apenas um concelho da saúde, para a saúde, sobre a saúde, mas um conjunto de expressões materiais e imateriais, patrimónios a preservar, a estudar, a construir para a contemporaneidade. E, para que continuem a ser, em toda a sua dimensão, patrimónios.

Cristina Fé Santos e Maria Fé Santos

Sobre este tema consultar:

- ▶ Avelãs Nunes, José. *Arquitectura branca: Os Sanatórios para a Tuberculose em Portugal*, By the Book, 2022.
- ▶ Santos, Cristina Fé. *Sanatório Vasconcelos Porto – São Brás de Alportel*, D. Quixote, 2006

ESTATUTO EDITORIAL

- ▶ **SBA Revista de Cultura** nasce da vontade de um grupo de são-brasenses profundamente empenhados em preservar a identidade são-brasense.
- ▶ **SBA Revista de Cultura** propõe, por isso, a reflexão sobre o que consubstancia essa identidade, que está na base da elevação de S. Brás de Alportel a concelho em 1914.
- ▶ Os responsáveis por **SBA Revista de Cultura** comprometem-se, por isso, a investigar e a dar a conhecer todos os componentes dessa identidade, unificados amiúde na expressão 'património cultural'. O artesanato, os ofícios e mesteres tradicionais, o diligente aproveitamento dos recursos naturais na óptica da sua valorização, as lendas e tradições orais, as festividades, enfim, essas e as demais componentes do património e da memória colectiva serão privilegiadamente acarinhadas.
- ▶ **SBA Revista de Cultura** compromete-se a defender a sua autonomia em relação ao poder político e a ser independente de todos os poderes.
- ▶ Será timbre de **SBA Revista de Cultura** o apoio a todas as iniciativas que se integrem nos seus objectivos.
- ▶ **SBA Revista de Cultura** não visa fins lucrativos e compromete-se a respeitar o código deontológico que rege as publicações periódicas.
- ▶ É intenção dos promotores que **SBA Revista de Cultura** tenha periodicidade semestral, a coincidir com o aniversário da criação do concelho e com o período natalício.

DIRETOR

José d'Encarnação

COORDENAÇÃO EDITORIAL

José do Carmo Correia Martins
José Manuel Antonino Belchior

COLABORAM NESTA EDIÇÃO

Angelina Pereira
António Costa Cabral
Cristina Fé Santos
Cristina Neves
Dora Gago
Francisco Lameiras
João Pedro Bernardes
José Manuel Antonino Belchior
Júlia Neves
Maria Fé Santos
Maria João Carvalho
Maria Manuel Valagão
Marta Marçal
Rui Jerónimo

CAPA E OUTRAS ILUSTRAÇÕES

José Amândio Afonso Pereira

PAGINAÇÃO

Stefanie Boucinha

TIRAGEM

150 exemplares

PERIODICIDADE

Semestral

N.º DE REGISTO NA ERC

127504

PROPRIETÁRIO/EDITOR

José do Carmo Correia Martins
as1646267@sapo.pt

SEDE & REDAÇÃO

José do Carmo Correia Martins
Sítio do Farrobo, 956 A
8150-032 São Brás de Alportel

IMPRESSÃO

Pixartprinting
Via 1º Maggio, 8
30020 Quarto d'Altino VE
Itália



ZA 25

ILUSTRAÇÕES DE JOSÉ AMÂNDIO AFONSO PEREIRA